

“O bolo que o País tem para pagar os credores é um só e os recursos limitados”

por Getúlio Bittencourt
de Washington

“O bolo que o Brasil tem para pagar seus credores oficiais e privados é um só, e os recursos são limitados”, disse na sexta-feira em Washington, o presidente do Banco Central (BC), Francisco Gros, sobre a situação da dívida externa. O objetivo brasileiro, acrescentou, é deixar os dois tipos de credores tão satisfeitos quanto possível.

O tema emergiu em sua entrevista coletiva na embaixada do Brasil, dado que esteve recentemente na Europa com o secretário do Clube de Paris, Jean Claude Trichet, que responde pelos credores oficiais, e vem acompanhando de perto as negociações para um acordo “stand by” com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e com os bancos comerciais.

Nos contatos preliminares com o Clube de Paris, Gros procurou antecipar os objetivos do País, para “evitar o que acontecia antes, quando o Brasil apresentava uma proposta sem aviso prévio, e depois, ou dava a impressão de insucesso, ao ter que modificá-la, ou a impunha goela abaixo dos credores”. A idéia agora é combinar antes.

Depois de assinalar que não existe ainda uma negociação com os credores oficiais, o presidente do BC disse que acertou com Trichet o início das conversas sobre a dívida oficial de cerca de US\$ 20 bilhões (já incluídos cerca de US\$ 8,4 bilhões em atrasados) imediatamente após a aprovação do acordo “stand by” pela diretoria do FMI, no próximo dia 29.

Colocou também alguns pontos importantes para o Brasil: 1) que seus recursos para pagar credores privados e oficiais vêm de um mesmo e limitado fundo; 2) que o programa de ajuste com o FMI vai impor ao País “necessidades de financiamento, que palavra usarei, extraordinárias, e nesse contexto o fluxo de caixa nos preocupa, precisa ser adequado”; e 3) que os credores oficiais ou privados são dois lados da mesma moeda.

CREDITORES PRIVADOS

Os credores oficiais também apresentaram informalmente suas pretensões ao País. Em contatos diversos com Gros, alguns representantes de credores oficiais notam que o Brasil tem dado preferência aos credores privados na discussão da dívida. E citam como prova o acordo sobre os juros atrasados em março do ano passado e o pagamento, desde então, de 30% dos juros correntes.

A posição brasileira nesse ponto tem sido a de ne-

gar qualquer “preferência”. O presidente do BC argumenta que o País só não acertou antes com o Clube de Paris porque os credores fixaram uma regra de só renegociar dívida com países que tenham acordo de ajuste com o FMI. “No fundo, eles estão dizendo que nós lhes devemos e querem que pague-mos. E nós estamos reconhecendo a dívida, e explicando que estamos pagando tudo que podemos”, resumiu.

Em relação à renegociação de cerca de US\$ 50 bilhões da dívida com os bancos comerciais, credores privados do País, Gros foi enfático em dizer que o País quer um compromisso agora. “O FMI, por exemplo, fez um compromisso claro de apoiar o Brasil neste momento”, observa. “Alguns bancos estão na posição de esperar até que o Brasil resolva seus problemas internos, que ainda não estão resolvidos, como a inflação e o déficit público, para então nos apoiar”.

Essa posição, segundo ele, não serve para o Brasil, que deseja limpar o terreno, colocando para trás o problema da dívida para atrair ainda mais capital e estimular investimentos internos. “Por isso temos interesse num acordo definitivo. Acordos parciais, condicionados, que deixem incertezas, não resolvem nossos problemas”, descartou.

GARANTIAS

Gros fulminou a idéia levantada por alguns credores de retirar parte dos US\$ 50 bilhões da dívida em discussão, para permitir as garantias também para os juros de uma parcela menor da dívida (o País se propõe a pagar garantias apenas para o principal). “Após o acordo com o FMI, vamos pedir uma definição aos bancos: um acordo, ou então...”

O que se segue após “ou então...” será decidido na mesa de negociações, ou, se for o caso, seria acrescentado depois. Gros disse ainda que o Banco Mundial (BIRD) mantém seu apoio ao País, mas está enviando uma missão independente ao Brasil na próxima semana para definir a extensão desse apoio, “o nível adequado de engajamento deles atualmente”. Alguns banqueiros receberam sinais de que o BIRD estaria mais cético em relação ao Brasil do que o FMI, neste momento.

O presidente do BC esteve na sexta-feira à tarde conversando sobre a economia mundial e brasileira com seu equivalente nos EUA, o presidente do Federal Reserve Bank (FED), Alan Greenspan, a quem “agradeceu o apoio ao Brasil”.